

NÓS X A GENTE: UMA ANÁLISE DOS PRONOMES NAS CRÔNICAS DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Débora dos Santos Westhauser¹

debora.westhauser@gmail.com

Maria Alejandra Saraiva Pasca²

maria.pasca@unilasalle.edu.br

Resumo: Esta pesquisa compara as ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* na língua escrita e analisa os usos do segundo quanto à referência semântica, tendo como amostra seis obras de Luis Fernando Veríssimo. Observou-se que o uso do pronome *nós* predomina sobre o pronome *a gente*. Quanto à análise das referências semânticas, concluiu-se que, entre referências específica e genérica, há a predominância de uso do pronome *a gente* de forma genérica, característica herdada do substantivo *gente*.

Palavras-chave: *A Gente*; Crônica; Nós; Pronomes; Referência Semântica.

Abstract: This study compares the occurrences of the pronouns “*nós*” and “*a gente*” in written language and analyzes the uses of the latter in terms of semantic reference, considering as a sample six texts by Luis Fernando Veríssimo. It was observed that the use of the pronoun “*nós*” prevails over the pronoun “*a gente*”. The analysis of semantic references shows that, between specific and generic references, the use of “*a gente*” prevails in generic form, a characteristic inherited from the noun “*gente*”.

Keywords: *A Gente*; Chronicle; Nós; Pronouns; Semantic Reference.

1 Universidade LaSalle.

2 Universidade LaSalle.

INTRODUÇÃO

A língua, seja ela qual for, muda com o passar do tempo, segundo os mais diversos fatores. Exemplo disso é o latim, que mudou de forma tão significativa que acabou por dar origem a um grupo inteiro de outras línguas. Mas este é um exemplo extremo. Outras mudanças, mais sutis, ocorrem na língua sem que os falantes percebam, de forma gradativa, pressuposto esse da sociolinguística laboviana (WEINREICH et al., 1968). A inclusão de *a gente* no sistema pronominal do PB é um desses casos.

As mudanças, quando percebidas pelo falante, podem parecer bruscas, mas acontecem lentamente. Segundo Lopes (2001), o substantivo *gente* já aparece na língua portuguesa (LP) desde o século XIII. Com o passar o tempo, *gente* foi passando a *a gente*, ganhando status de pronome.

O uso do pronome *a gente* já foi objeto de estudo de diversos pesquisadores. Zilles (2002) escreve sobre o processo de gramaticalização do pronome; Albán et al (1983) pesquisam sobre a inclusão de *a gente* no sistema pronominal brasileiro; Zilles (2007) trata do processo de gramaticalização e da avaliação social do uso do pronome; Zilles e Mazzoca (2002) escrevem sobre o uso do pronome na fala de Porto Alegre; Zilles e Schossler (2000) tratam da influência da escolaridade no uso dos pronomes *nós* e *a gente*. Esses são alguns exemplos dos estudos sobre o pronome, que tendem a se focar no processo de gramaticalização, inclusão no sistema pronominal e no uso do pronome na fala. Poucas são as pesquisas sobre o uso do pronome na escrita, de qualquer gênero.

Paralelo ao crescimento do uso do pronome *a gente*, está a popularização do gênero crônica. Segundo Rónai (1971), este gênero apresenta como grande característica o fato de tratar de assuntos do cotidiano, o que provavelmente é o principal fator para sua popularidade – aliado ao fato de ser, normalmente, um texto curto. Diversos escritores consagrados, como Fernando Sabino e Rachel de Queiroz escrevem textos deste gênero, considerado uma marca da literatura brasileira.

A escolha do gênero crônica para o desenvolvimento desta pesquisa se deve ao interesse de estudar o uso do pronome *a gente* na escrita, pois, segundo Zilles (2007), um meio significativo, mas pouco explorado, de verificar se uma forma linguística tem prestígio social, é verificar suas ocorrências na escrita. Além disso, deseja-se verificar sua incidência em um gênero popular, frequentemente publicado em jornais e em livros. O número de coletâneas de crônicas tem crescido exponencialmente e as publicações vêm ganhando reedições, o que prova sua popularidade (RÓNAI, 1971).

A escolha de Luis Fernando Veríssimo nesta pesquisa se deve à sua vasta produção dentro do gênero crônica e à informalidade de sua escrita. Foram escolhidas seis antologias do autor como objeto de estudo, publicadas entre 2000 e 2015, para uma amostra significativa de diversas fases da carreira do escritor: *Mentiras que os Homens Contam* (2000), *Todas as Histórias do Analista de Bagé* (2002), *Banquete Com os Deuses* (2002), *Ed Mort – Todas as Histórias* (2012), *Amor Veríssimo* (2013) e *As Mentiras que as Mulheres Contam* (2015).

Considerando que há várias pesquisas sobre o pronome *a gente* como primeira pessoa do plural na linguagem oral, este estudo analisa a presença desse pronome na língua escrita, pois é nela onde a gramática normativa mais influencia os falantes. Por isso, cabe analisar o uso de uma forma pronominal que ainda não foi incorporada pela gramática normativa. Para tanto, compara-se a incidência do pronome *a gente* com a do pronome *nós* na seleção de crônicas de Veríssimo e analisa-se qual deles, *nós* ou *a gente*, é mais frequente nesses textos.

EIXOS TEMÁTICOS

Esta pesquisa tem como base alguns eixos principais, que serão abordados a seguir: o gênero crônica; a variação linguística e o processo de gramaticalização e entrada de *a gente* para o sistema pronominal brasileiro.

O gênero crônica

O gênero crônica é muito popular na literatura brasileira, sendo escrito por muitos autores consagrados como Machado de Assis, Lima Barreto, Cecília Meireles, Clarice Lispector e Luis Fernando Veríssimo. Segundo Moisés (1999), a crônica caracteriza-se por tratar de assuntos cotidianos e normalmente é um texto curto. A essas características se deve a escolha deste gênero para a presente pesquisa, pois a escrita costuma ser muito próxima da fala, podendo mais facilmente incorporar mudanças em curso na língua. Outro fator para a escolha é que, frequentemente, a crônica é publicada em jornais, material de leitura de fácil acesso para boa parte da população.

Variação linguística

Todas as línguas humanas estão sujeitas à variação. Este é um fenômeno natural da língua que causa as mudanças. A língua apresenta uma gama de possibilidades de representação dos recursos linguísticos, o que constitui a variação (BAGNO, 2007).

Todos os níveis da língua apresentam variação linguística: a) *variação fonético-fonológica*: relacionada à pronúncia; b) *variação morfológica*: quando a estrutura da palavra muda de uma variedade para outra; c) *variação sintática*: quando a estrutura da frase muda de uma variedade para outra; d) *variação semântica*: quando uma mesma palavra apresenta significados diferentes conforme a variedade; e) *variação lexical*: quando variedades diferentes utilizam palavras distintas para expressar um mesmo significado; f) *variação estilístico-pragmática*: está relacionada à situação, um falante pode expressar uma mesma ideia de formas diferentes conforme o contexto (BAGNO, 2007).

Fatores extralinguísticos, de cunho social, também influenciam na variação linguística (BAGNO, 2007), como origem geográfica, status socioeconômico, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais.

Nesta pesquisa, a variação estudada é o uso da expressão *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural do caso reto. O uso desse pronome está relacionado à variação semântica, por estar passando pelo processo de gramaticalização, no qual passa de substantivo a pronome de primeira pessoa do plural. Quanto a fatores extralinguísticos, a escolha por usar o pronome *a gente* pode estar relacionada com a escolaridade do falante (ZILLES, 2000) ou com sua idade (ZILLES, 2007).

O pronome *a gente*

O pronome *a gente* aparece na fala do Português Brasileiro (PB), tendo iniciado seu processo de inclusão no sistema pronominal no século XVI (ZILLES, 2002). Lopes (1998) afirma que as gramáticas

normativas, além de não se preocuparem com os fenômenos da fala, ainda apresentam uma série de incoerências no tratamento do pronome *a gente*.

Enquanto as gramáticas normativas estabelecem normas para o uso da língua, tendo como base a língua escrita (BAGNO, 2004), as gramáticas descritivas do PB descrevem a língua em uso (ARAÚJO, 2013). Em sua gramática descritiva, Bagno (2012) fala sobre a presença do pronome *a gente* no português falado contemporâneo e sobre a tendência que o pronome tem de ganhar cada vez mais espaço, pois já é o mais utilizado pelos jovens.

Dentro deste contexto de variação, o pronome *a gente* vem ganhando espaço na fala dos falantes do PB em detrimento do pronome *nós*. Segundo Zilles (2002), essa mudança se iniciou no século XIX e atualmente *a gente* já está se integrando no sistema pronominal do PB, tendo status de primeira pessoa do plural, mas utilizando a desinência da terceira pessoa do singular.

Segundo Lopes (2001, p. 140), *a gente* começou a trilhar seu caminho como pronome no século XVI, quando começou a ser utilizado como pronome indefinido. Esse processo de gramaticalização que começou a ser observado há tantos séculos levou ao uso contemporâneo de *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural. Essa transição para a posição de pronome se deve, dentre outros fatores, ao significado de *gente*, que sempre esteve relacionado a *povo* e *pessoa* (ZILLES, 2007).

Segundo Zilles (2002), um grande marco na transição de *a gente* de substantivo para pronome é o emprego de complementos tanto masculinos quanto femininos a ele, algo que não era possível antes, visto que *gente* é um substantivo do gênero feminino e, portanto, recebe complementos também no gênero feminino. No entanto, enquanto pronome, *a gente* passa a receber complementos de ambos os gêneros, conforme o gênero do falante. Quanto à perda do caráter feminino, Lopes (2007) explica que isso acontece porque é uma característica dos pronomes pessoais não possuírem um gênero, pois se adequam ao do falante.

Ainda segundo Zilles (2007), o processo de gramaticalização de *a gente* ocorreu através de quatro mecanismos: a) *dessemantização*, em que *gente* perde o significado de povo, mas mantém o de pessoa; b) *extensão*, quando o termo deixa de ser usado como pronome de sentido genérico (como era usado até os anos 1970) e começa a ser usado como um pronome específico de terceira pessoa do plural; c) *decatégorização*, com a perda do status de palavra independente, do seu plural e do gênero feminino; e o último mecanismo, d) *erosão*, quando há a redução fonética, ou seja, *a gente* pode também aparecer na fala como *ahente*, *a'ente* e *ente*.

Sendo assim, hoje em dia, *a gente* é usado também como um pronome de primeira pessoa do plural, com quatro principais significados, expressos por Zilles (2002): a) o falante e o interlocutor; b) o falante e um grupo definido de pessoas, excluindo o interlocutor c) o falante e um grupo não específico de pessoas; d) o falante e todos os outros.

Vale ressaltar que a inclusão de *a gente* no sistema pronominal da LP, junto a *você*, traz uma grande mudança às conjugações verbais da língua. Segundo Zilles (2002), com a introdução desses dois novos pronomes, a conjugação verbal apresenta apenas três formas: a) primeira pessoa do singular (ex.: eu corro); b) segunda e terceira pessoa do plural (ex.: vocês/eles correm); c) forma generalizada para segunda e terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural (ex.: você/ele/a gente corre). Isso se observa na “Gramática Pedagógica do PB” de Bagno (2012). Segundo o autor, há ampla aceitação do uso do pronome *a gente*, pois é descrito na fala das variedades do PB com prestígio social e também na fala das variedades de pouco prestígio.

Apesar de *a gente* ser um uso já aceito, alguns teóricos especificam que o termo deve ser utilizado apenas em situações informais. Exemplo disso é apresentado por Bechara em sua gramática normativa “Moderna Gramática Portuguesa”: “o substantivo *a gente*, precedido do artigo *a* e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a que está sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa” (BECHARA, 2006, p. 117). Já Bagno, em sua “Gramática Pedagógica do PB”, explica como se dá o uso do pronome atualmente, ressaltando que as faixas etárias mais baixas costumam se utilizar mais de *a gente*, (BAGNO, 2012).

O USO PRONOMINAL NAS CRÔNICAS DE LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

Para que se possa analisar o uso dos pronomes de primeira pessoa do plural nas obras selecionadas, foram contabilizadas suas aparições nesses textos (Tabela 1).

Tabela 1 – Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* nas obras selecionadas

OBRA	OCORRÊNCIA DO PRONOME <i>NÓS</i>	OCORRÊNCIA DO PRONOME <i>A GENTE</i>	TOTAL DE OCORRÊNCIAS POR OBRA
Amor Veríssimo (2013)	23 (72%)	9 (28%)	32 (100%)
As Mentiras que as Mulheres Contam (2015)	28 (74%)	10 (26%)	38 (100%)
As Mentiras que os Homens Contam(2000)	26 (63%)	15 (37%)	41 (100%)
Banquete com os Deuses (2003)	29 (66%)	15 (34%)	44 (100%)
Ed Mort – Todas as Histórias (2012)	6 (100%)	0 (0%)	6 (100%)
Todas as Histórias do Analista de Bagé (2002)	6 (43%)	8 (57%)	14 (100%)

Fonte: Autoria própria, 2019.

Com base na Tabela 1, o uso por obra do pronome *nós* predomina em comparação com o uso do pronome *a gente*, exceto na obra “Todas as obras do Analista de Bagé”, onde o *a gente* predomina com 57%. Isso encontra apoio na afirmação de Vitorio (2015, p. 131) de que “na língua escrita, por sua vez, devido à pressão normativa, *nós* é a forma pronominal selecionada, mas já é possível encontrar a realização do pronome *a gente* nessa modalidade de uso da língua.” Na obra “Ed Mort – Todas as Histórias”, cuja primeira crônica foi publicada em 1979, não foi registrado nenhum uso do pronome *a gente*. Segundo Zilles (2007), o uso de *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural começou a ganhar força entre as décadas de 1970 e 1990, mas ainda não se igualava ao uso de *nós*.

Nas obras selecionadas de Veríssimo, do total de 175 ocorrências de pronomes de primeira pessoa do plural, 118 (67%) foram o pronome “*nós*” e um terço dos usos foram o pronome *a gente* 57 (33%). A seguir, serão analisados os usos do pronome *a gente* nas obras selecionadas considerando-se o significado pretendido, ou seja, a referência semântica do pronome no contexto.

O uso do pronome *a gente* conforme a referência semântica

Conforme Franceschini (2015, p. 227) “pode-se perceber que os pronomes *nós* e *a gente* não são autorreferenciais, mas sim dependentes do contexto para serem interpretados.” Além disso, não existe apenas uma possível referência semântica para *a gente*, pois conforme Silva (2010, p. 47) uma forma pronominal pode abarcar uma gama de referenciais, específicos e genéricos.

Conforme mencionado anteriormente, com base em Zilles (2002), existem quatro principais significados, referências semânticas, para o pronome *a gente* (significados estes que também aplicam-se a *nós*): falante e interlocutor (eu + tu/você); falante e um grupo específico de pessoas (eu + ele/eles); falante e um grupo não-específico; falante e todos os outros (uso genérico). É necessário que se entenda o contexto em que o pronome está inserido para que seja possível compreender a quem ele se refere.

Tabela 2 – As referências semânticas de *a gente* nas obras selecionadas

OBRA	FALANTE + INTERLOCUTOR (EU + TU/VOCÊ)	FALANTE + GRUPO DEFINIDO (EU + ELE/ELES)	FALANTE + GRUPO NÃO ESPECÍFICO	FALANTE + TODOS OS OUTROS (GENÉRICO)
Amor Veríssimo (2013)	5 (56%)	1 (11%)	0 (0%)	3 (33%)
As Mentiras que as Mulheres Contam (2015)	3 (33%)	1 (11%)	0 (0%)	5 (56%)
As Mentiras que os Homens Contam (2000)	3 (20%)	4 (27%)	3 (20%)	5 (33%)
Banquete com os Deuses (2002)	1 (7%)	1 (7%)	0 (0%)	13 (86%)
Todas as Histórias do Analista de Bagé (2002)	1 (13%)	0	0 (0%)	7 (87%)
Total	13 (23%)	7 (12%)	3 (6%)	33 (59%)

Fonte: Autoria própria, 2019.

Analisando a Tabela 2, percebe-se que o referencial semântico mais frequente para *a gente* na amostra é o de caráter genérico (59%). Isso pode ser explicado pois, segundo Lopes (2007) há uma preferência para o uso do pronome *nós* quando há uma referência determinada (eu + tu/você ou eu + ele/eles), enquanto que quando o significado é mais amplo há uma preferência pelo termo *a gente*.

A seguir, serão analisados os usos do pronome *a gente* conforme a referência semântica. Para a análise, os usos foram divididos em duas categorias: referência específica e referência genérica.

Referência específica

Os pronomes *nós* e *a gente* podem apresentar uma referência específica ou genérica. Uma das possíveis referências semânticas de *a gente* é a inclusiva, quando o falante (aquele que está falando) refere-se a ele mesmo e a seu interlocutor (aquele com quem ele fala) (FRANCESCHINI, 2015). Essa referência pode ser simplificada como *eu + tu / você* ou *eu + eles*, conforme Borges (2004, p. 40).

De acordo com o levantamento realizado nas obras selecionadas, em 23% dos casos do uso do pronome *a gente* o significado obtido era de *eu + tu / você*. Exemplo disso é o trecho da crônica “Baboseiras” da obra “Amor Veríssimo”, apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Trecho da crônica “Baboseiras”

— Heleninha! Eu acho essa carta linda. Uma lembrança do tempo em que **a gente** se amava.

Fonte: VERÍSSIMO, 2013, p.16, grifo nosso.

Analisando o diálogo do Quadro 1 e seu contexto, pode-se perceber que, na última frase da fala, a referência semântica de *a gente* é *eu + tu / você* (falante e interlocutor), no caso, as personagens chamadas Amauri e Heleninha. Isso também pode ser observado no trecho da crônica “Trapezista” (Quadro 2).

Quadro 2 – Trecho da crônica “Trapezista”

Afinal, se você não confia em mim não adianta nada **a gente** continuar.

Fonte: VERÍSSIMO, 2015, p. 28, grifo nosso.

No Quadro 2 é possível identificar que a referência semântica é também *eu + tu*. Isso porque na frase nele citada o pronome *a gente* retoma dos pronomes *mim* (falante) e *você* (interlocutor) mencionados na mesma frase.

A outra possível referência específica para *a gente*, conforme Franceschini (2015) é a exclusiva (*eu + ele(s)*), quando faz referência ao falante e outra pessoa ou grupo de pessoas. Conforme a análise das obras, 12% dos usos de *a gente* apresentavam como referência semântica *eu + ele(s)*.

Quadro 3 – Trecho da crônica “Santa Terezinha”

— E o que vocês faziam?
— Bom, **a gente** ia ao cinema, depois passava num Bob's...

Fonte: VERÍSSIMO, 2015, p.115, grifo nosso.

De acordo o Quadro 3 e a observação do contexto, pode-se perceber que a referência semântica é equivalente a *eu + ele*. Isso porque “a gente ia ao cinema” faz referência ao falante e outra pessoa, excluindo-se o interlocutor.

Além da referência específica, o pronome *a gente* pode ser utilizado tendo referência genérica. Esse uso predomina nas obras selecionadas quando comparado ao uso com referência específica como pode ser visto na Tabela 2 e conforme pode ser visto a seguir.

Referência Genérica

O uso de formas pronominais com valor semântico genérico aparece em diversas línguas (FRANCESCHINI, 2015). Na LP, esse valor é expresso pelos pronomes *nós/a gente*. De acordo com Lopes (2007), o pronome *a gente* herdou do substantivo *gente* seu caráter indeterminado, passando de *gente* (nome genérico) a *a gente* (pronome indefinido). Isso esclarece porque, segundo Lopes (2007), o falante normalmente utiliza do pronome *nós* quando há uma referência específica e o pronome *a gente* quando a referência é genérica.

Essa preferência em usar o pronome *a gente* quando a referência é genérica fica clara na Tabela 2, onde mais da metade dos usos do pronome *a gente* (59%) é com a referência semântica genérica. Exemplo disso é o trecho do quadro a seguir:

Quadro 4 – Trecho da crônica “Woody Allen e as lamúrias da existência”

A maior piada de todas é que no fim **a gente** morre, mas ninguém ri disto.

Fonte: VERÍSSIMO, 2003, p. 50-51, grifo nosso.

O trecho apresentado no Quadro 4 exemplifica o uso genérico. No trecho contido no quadro, o pronome *a gente* ganha caráter genérico, indefinido, pois pode se referir a todos ou a qualquer um. Essa noção de algo genérico é expressa também no Quadro 5:

Quadro 5 – Trecho da crônica “Entrevista com o Analista de Bagé”

Aprendi com um médico dos meus tempos de piá. Quando **a gente** dizia que tava com dor de ouvido, ele dava um beliscão no braço até **a gente** gritar.

Fonte: VERÍSSIMO, 2002, p.35, grifo nosso.

No Quadro 5, além de expressar a noção genérica, pois *a gente* no contexto pode significar *eu* ou *qualquer criança*, ocorre a repetição do pronome *a gente*. Isso acontece porque, conforme Vitório (2015) há a tendência do falante de repetir a forma pronominal que está utilizando.

Assim, conforme a análise, é possível constatar que o pronome *a gente* é utilizado em maior frequência nas obras selecionadas quando a referência semântica é genérica. No entanto, foi possível observar o uso do pronome quando a referência é específica, ou seja, quando adquire significado mais próximo ao status de pronome, distanciando-se do significado genérico de *gente*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a presença do pronome *a gente* na língua escrita, especificamente em seis obras de Veríssimo, tendo como critério o período em que foram publicadas. Os resultados obtidos são condizentes com as pesquisas realizadas quanto ao assunto, pois apesar de se focarem na língua falada, esses estudos já apontavam algumas direções e possíveis resultados na linguagem escrita, que aqui foram encontrados. Exemplo disso é o uso do pronome *a gente* predominantemente com referência semântica genérica, herdada do substantivo *gente*.

Outro importante resultado desta pesquisa foi a constatação de que, apesar de o uso do pronome *nós* predominar em relação a *a gente*, este vem ganhando espaço na escrita literária, o que pode ser comprovado nos usos em que a referência semântica é específica, ou seja, onde *a gente* aplica suas características de pronome e não apenas as herdadas do substantivo *gente*.

A gramaticalização de *a gente* enquanto pronome pessoal é algo recente e ainda em curso. Portanto, pesquisas que tratem de acompanhar esse processo são muito importantes para que se possa compreender a evolução da língua. Com o objetivo de analisar o emprego do pronome *a gente* na escrita, pesquisas futuras devem se atentar à análise de outros gêneros textuais, ou mesmo da escrita espontânea.

REFERÊNCIAS

ALBÁN, et alii. (1986). **Nós e a gente**: uma abordagem na norma culta brasileira. In: Atas do I Simpósio sobre a Diversidade Lingüística no Brasil. Salvador, Instituto de Letras da UFBA.

ARAÚJO, Leandro Silveira de. **Gramática, senhora do destino**. Entrepalavras, Fortaleza - ano 3, v.3, n.1, p. 218-229, 2013. Disponível em: < <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/156> > Acesso em: 10/08/2017.

- BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro?* Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística.* São Paulo: Parábola, 2007.
- _____. *Gramática Pedagógica do PB.* São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa.* 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.
- BORGES, Paulo R. S. *A gramaticalização de A Gente no PB: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas.* Porto Alegre: UFRGS, 2004. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4003>> Acesso em: 08/04/2019.
- FRACESCHINI, Lucelene Teresinha. *A referência semântica dos pronomes pessoais nós / a gente no falar de Concórdia (Santa Catarina).* In: Domínios de Linguagem, v.9, p.216-230, 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/29184> Acesso em: 09/04/2019.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de “a gente” no quadro pronominal do português.* Madrid: Iberoamericana, 2001.
- _____. Pronomes pessoais. In: BRANDÃO, Silvia Figueiredo e VIEIRA, Silvia Rodrigues. (Org.). *Ensino de gramática: descrição e uso.* 1 ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. *Nós e a gente no português falado culto do Brasil.* DELTA. 1998, vol.14, n.2. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000200006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em: 13/04/2019.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários.* São Paulo: Cultrix, 1999.
- RÓNAI, Paulo. Um gênero Brasileiro: a crônica. In: HOWER, Alfred. PRETO-RODAS, Richard A. (Org.) *Crônicas brasileiras: a Portuguese reader.* Florida: University of Florida, 1971.
- SILVA, Ivanilde da. *Nós e a gente – camaleões referenciais no desenrolar do discurso.* Gláuks, v.10, n.01, p. 39-57, 2010. Disponível em: <<https://www.revistaglauks.ufv.br/index.php/Glauks/issue/view/1/V.10%20N.01>> Acesso em: 10/04/2019.
- VERÍSSIMO, Luis Fernando. *Todas as histórias do analista de Bagé.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- _____. *Banquete com os deuses.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- _____. *As mentiras que os homens contam.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- _____. *Ed Mort – Todas as histórias.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- _____. *Amor Veríssimo.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- _____. *As mentiras que as mulheres contam.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- VIANNA, J. B. A variação entre nós e a gente: uma comparação entre o português europeu e o PB. Revista do GELNE, v. 14, n. 1/2, p. 95-116, 15 mar. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9366>> Acesso em: 12/04/2019.
- VITÓRIO, Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar. *Variação nós e a gente na posição de sujeito na escrita escolar.* Letras & Letras. V. 31, n.2, p. 128-143, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/31429>> Acesso em: 09/04/2019.
- WEINREICH, U., LABOV, W. & HERZOG, M. I.; *Empirical foundations for a theory of language change.* In: LEHMANN, W & MALKIEL, Y.: Directions for historical linguistics. Austin: University of Texas Press, 1968.
- ZILLES, A. M. S; SCHOSSLER, M. *O papel da escolaridade na escolha de NÓS ou A GENTE na fala de Porto Alegre.* In: XII Salão de Iniciação Científica da UFRGS, 2000, Porto Alegre. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/83117>> Acesso em: 12/04/2019.

ZILLES, A. M. S. **Grammaticalization of 'a gente' in Brazilian Portuguese.** University of Pennsylvania. Working Papers in Linguistics, Philadelphia, v. 8, n. 3. P.297-310, 2002. Disponível em: < <https://repository.upenn.edu/pwpl/vol8/iss3/22/>> Acesso em: 08/04/2019.

ZILLES, A. M. S; MAZZOCA, P. R. **A variação entre A GENTE e A'ENTE na fala de Porto Alegre.** In: XIV Salão de Iniciação Científica da UFRGS, 2002, Porto Alegre. XIV Salão de Iniciação Científica da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 921-921. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/76403>> Acesso em: 13/04/2019.

ZILLES, A. M. S. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?.** Letras de Hoje, v. 42, n.2, p. 27-44, 2007. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/2408/1882>> Acesso em: 08/04/2019.